

TDAH e Dislexia em *Percy Jackson*

Vera Helena Gomes Wielewicki¹
Maçao Tadano Filho²

RESUMO: Este artigo visa analisar como a dislexia e o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) estão presentes na construção da identidade do protagonista do romance *Percy Jackson and The Lightning Thief*, de Rick Riordan. O foco da análise é descrever elementos no enredo que favorecem a interpretação da condição de semideus como uma metáfora para retratar os portadores de TDAH e/ou dislexia de forma positiva, e explicar por que o modo como isso se dá é relevante para pais, professores e alunos.

Palavras-chave: Literatura e ensino; TDAH; Dislexia; Rick Riordan.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the way dyslexia and ADHD (Attention Deficit Hyperactivity Disorder) are present in the construction of the identity of the protagonist of the novel *Percy Jackson and The Lightning Thief*, by Rick Riordan. The analysis is focused on describing elements in the narrative that favor the interpretation of the demigod condition as a metaphor used to portray people with ADHD and/or dyslexia in a positive light, as well as explaining why the way this is done is relevant to parents, teachers and students.

Key-words: Literature and teaching; ADHD; Dyslexia; Rick Riordan.

Introdução

No atual contexto educacional, tão carente de algo que ajude a combater o distanciamento cada vez maior entre alunos e escolas quando se trata de literatura, a série *Percy Jackson and the Olympians*, escrita por Rick Riordan, oferece possibilidades de leitura e interpretação que possuem grande potencial de interesse para os jovens leitores. Este artigo visa analisar como a dislexia e o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade)

¹ Professora associada do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado e Doutorado, da Universidade Estadual de Maringá.

² Aluno do Curso de Licenciatura em Letras – Inglês e Bacharelado em Tradução da Universidade Estadual de Maringá, desenvolvendo projeto de Iniciação Científica.

são representados no primeiro livro da saga, *Percy Jackson and the Lightning Thief* (2005), publicado no Brasil como *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* (2008)³, e como a influência dos dois fatores na construção do personagem protagonista lança questões que podem interessar tanto a professores quanto a alunos e pais.

Conforme se pode conferir em várias entrevistas dadas pelo autor e em sua página oficial na internet (<http://www.rickriordan.com/home.aspx>), Rick Riordan afirma que, de certa forma, deve a criação de Percy Jackson ao seu filho mais velho, Haley Michael. Aos cinco anos, Haley apresentava total aversão a atividades de leitura e escrita, não conseguia prestar atenção às aulas e ficava ansioso a ponto de tentar fugir da sala de aula e se esconder chorando para não ter que fazer o dever de casa. Após cuidadosa análise e uma bateria de testes, foi confirmado o diagnóstico do qual a psicóloga da escola e os professores do garoto já desconfiavam: dislexia e TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Por ser ele próprio um professor, Riordan já trabalhara com crianças nas mesmas condições, mas não conhecia a fundo as informações e estatísticas a respeito. Ele só sabia que precisaria tomar medidas especiais para ajudar o filho.

Aos sete anos, a única coisa na escola que parecia atrair a atenção de Haley era mitologia grega. Como já tinha anos de experiência ensinando o tema, Riordan passou a contar mitos gregos ao filho toda noite, até que, eventualmente, viu-se tendo de admitir que já contara a ele todos os que conhecia. A reação do garoto, simples e imediata, foi pedir que ele inventasse uma nova história, mas com os mesmos personagens. O pedido lembrou Riordan de um projeto de escrita criativa que ele costumava dar a seus alunos de sexta série: pedia que inventassem um semideus, filho ou filha de qualquer deus que eles quisessem, e descrevessem uma jornada ao estilo grego para esse herói. Surgia assim, numa história de pai para filho antes de dormir, Percy Jackson, um herói e semideus, como é de praxe nos mitos gregos, mas também disléxico e portador de TDAH, como Haley.

Na história de Riordan, tanto a dislexia quanto o TDAH, e, sobretudo, a ocorrência de ambos, seriam, na verdade, sintomas característicos de sua peculiar condição de semideus, ou seja, de quem possui pai mortal e mãe imortal, ou vice-versa. A dislexia, responsável pela dificuldade encontrada por Percy na hora de ler, seria uma consequência do cérebro de um

³ Neste artigo, será utilizada a publicação em inglês, com tradução livre dos autores.

semideus estar naturalmente programado para o grego antigo e não para o inglês. Já os sintomas do TDAH, que tornavam tão difícil Percy prestar atenção nas aulas ou permanecer parado no mesmo lugar, seriam um resultado inevitável de reflexos e instintos de batalha extremamente aguçados, que poderiam fazer a diferença entre a vida e a morte durante uma luta (Riordan, 2005). O próprio Percy só saberia de tudo isso após descobrir que os deuses gregos ainda existiriam, que ele seria filho de um deles e que teria de explorar cada uma de suas habilidades para impedir a destruição mundial, recuperando um raio que havia sido roubado de Zeus. Haley, claro, adorou a história e insistiu que o pai deveria transformá-la em um livro.

Riordan já havia publicado em 1997 *Big Red Tequila*, narrando as aventuras de um detetive particular chamado Tres Navarre em San Antonio, Texas, o primeiro de uma série que atualmente já lhe rendeu os três principais prêmios para o gênero “romance de mistério” – o *Edgar*, o *Anthony* e o *Shamus*. Seguindo a sugestão da família, Riordan publicou em 2005, nos Estados Unidos, o que se provaria um dos mais bem sucedidos *best-sellers* da literatura fantástica para o público infanto-juvenil na atualidade. O sucesso chegou a lhe render comparações com a série *Harry Potter*, da escritora britânica J. K. Rowling, a qual ele atribui muito do mérito pela atenção que o mercado editorial hoje dedica aos jovens leitores, assim como faz questão de destacar que, enquanto professor, nunca vira algo que despertasse reação semelhante nos alunos. “É algo completamente sem precedentes na literatura para crianças” afirma Riordan sobre *Harry Potter*, em seu site oficial. “Eu tinha alunos que liam esses livros 13 ou 14 vezes e eu dizia ‘Ótimo livro, mas você não quer tentar outra coisa?’ E eles diziam ‘Não existe mais nada tão bom assim’ ” (Riordan, site oficial, tradução livre dos autores).

Em outra semelhança com o caso de *Harry Potter*, a obra de Riordan tem sido elogiada por pais, professores e bibliotecários por seu potencial como ponto de ingresso para crianças e adolescentes que até então não eram adeptos ao hábito de ler por diversão. Jovens cujos pais e professores não imaginavam que eles fossem se revelar capazes de lerem livros de quase 400 páginas e muito menos que o fizessem na velocidade com que habitualmente o fazem, praticamente “devorando” os livros. Tal mérito é ainda mais interessante quando se olha para o fato de que muitos dos leitores que escrevem para elogiar e agradecer a Riordan são de famílias com disléxicos e/ou portadores de TDAH, que conseguem ler e apreciar livros

como *The Lightning Thief*, de 375 páginas, mesmo enfrentando potencialmente mais dificuldades na hora de ler do que a maioria dos leitores.

Para que seja possível entender devidamente quais seriam essas dificuldades inerentes ao TDAH e à dislexia e porque o modo como Riordan as retratou levanta questões relevantes tanto para pais quanto professores e alunos, é necessário analisar como o personagem de Percy Jackson é construído em *The Lightning Thief*, a partir de suporte teórico fornecido por organizações e profissionais especializados nos dois transtornos em questão.

1. Dislexia e TDAH

A dislexia é considerada um transtorno de aprendizado que afeta habilidades diretamente relacionadas à linguagem, como ler, escrever e pronunciar palavras. Embora ainda não se saiba o que exatamente causa a dislexia, o modo como o cérebro de um disléxico trabalha e se desenvolve parece afetar a consciência fonológica, a memória verbal e a velocidade de processamento verbal, ou seja, as capacidades de diferenciar fonemas, identificar e reconhecer palavras e lembrar sequências de informação verbal por um curto período de tempo. O impacto é diferente para cada indivíduo, depende da severidade da condição, da efetividade de tratamento ou medicação, e pode mudar ao longo dos diferentes estágios na vida de uma pessoa. Em alguns casos, por exemplo, o disléxico pode aprender tarefas de leitura e escrita em níveis iniciais, mas tem problemas quando habilidades de linguagem mais complexas são necessárias, como em redações ou tarefas que exijam conhecimentos gramaticais. Em suas formas mais severas, a dislexia pode demandar uma educação e acomodação especiais ou um serviço especializado de apoio, segundo a *International Dyslexia Association (Frequently asked questions about dyslexia*, disponível em <http://www.interdys.org/FAQ.htm>).

Pessoas com dislexia podem também ter dificuldade para se expressar de modo claro ou entender inteiramente o que outros querem dizer quando falam – situações difíceis de reconhecer e que podem levar a grandes problemas na escola, no local de trabalho ou no relacionamento com outras pessoas. Embora dislexia não esteja, de forma alguma, associada à falta de inteligência ou de vontade de aprender, é comum que alunos com dislexia se sintam

menos capazes do que, na verdade, são, devido à falta de condições de ensino e assistência apropriadas. Por outro lado, estudos baseados em imagens do funcionamento cerebral mostram que pessoas com dislexia fazem mais uso do hemisfério direito do cérebro, que é envolvido nos aspectos mais criativos do pensamento. Por consequência, disléxicos são frequentemente pessoas com boas habilidades verbais e sociais, capazes de pensar e resolver problemas fazendo conexões inesperadas, a ponto de serem capazes de resolver problemas complexos sem saberem como chegaram à solução (*International Dyslexia Association (Frequently asked questions about dyslexia*, disponível em <http://www.interdys.org/FAQ.htm>).

De modo semelhante ao que ocorre com a dislexia, o TDAH é comumente mais perceptível em crianças e jovens em idade escolar do que em adultos e estatisticamente mais propenso a atingir o sexo masculino do que o feminino. O diagnóstico de TDAH, segundo Rohde (1999, apud Vasconcelos e Monteiro, 2007, p. 4 e 5), é puramente clínico e, portanto, só pode ser dado por um profissional da área de saúde mental. Uma das etapas do diagnóstico é um questionário denominado SNAP-IV, elaborado a partir dos sintomas do manual de diagnóstico e estatística - IV Edição (DSM-IV) da Associação Americana Psiquiátrica. O questionário SNAP-IV é útil para analisar o primeiro dos critérios A (sintomas), mas existem outros aspectos a se considerar, como a obrigatoriedade que o aluno apresente os sintomas, de forma consistente e abrangente em mais de um ambiente, como na escola e em casa. Segundo a DSM-IV, O TDAH pode estar predominantemente em estado de desatenção (seis ou mais sintomas de desatenção), predominantemente hiperativo impulsivo (seis ou mais sintomas de hiperatividade e impulsividade) e do tipo combinado (seis ou mais sintomas de hiperatividade e impulsividade por um período mínimo de seis meses).

Com base em mais de 25 anos de entrevistas clínicas e pesquisas com crianças, adolescente e adultos com TDAH, Brown (2002) desenvolveu um modelo que parte de uma perspectiva mais abrangente que a baseada nos critérios da DSM-IV e descreve como o transtorno afeta as funções executivas, ou seja, o sistema de gerenciamento cognitivo do cérebro. Essas funções seriam, por exemplo, as responsáveis por focar, manter e alternar a atenção entre tarefas, acessar memórias de curto prazo e modular a intensidade de emoções. As pesquisas de Brown (2002) apontam que todo e qualquer indivíduo pode apresentar

dificuldades ocasionais relacionadas às funções executivas, mas que pessoas com TDAH enfrentam uma dificuldade muito maior no desenvolvimento e uso dessas funções. Ainda assim, mesmo os que apresentam sintomas severos de TDAH geralmente têm áreas nas quais suas funções executivas funcionam sem problemas. Quando se trata de certos interesses especiais, como pintar, praticar esportes ou jogar videogames, os sintomas do TDAH estão ausentes. Tal ocorrência faz parecer que o TDAH seria um simples problema de falta de vontade quando, na verdade, trata-se de problemas químicos no sistema de gerenciamento do cérebro. Brown apresenta esta problemática da seguinte forma:

Como alguém que é bom em prestar atenção em algumas atividades pode não conseguir prestar atenção a outras tarefas que sabe que são importantes? Quando eu faço essa pergunta a pacientes com TDAH, a maioria deles responde algo como: “É fácil! Se é algo em que estou realmente interessado, eu consigo prestar atenção. Se não é interessante pra mim, eu não consigo, a despeito do quanto eu possa querer prestar.” A maioria das pessoas sem TDAH encara essa resposta com ceticismo. “Isso é verdade para qualquer pessoa,” eles dizem. “Qualquer pessoa vai prestar mais atenção a algo em que está interessada ao invés de algo em que não está.” Mas quando se deparam com algo chato que sabem que tem que fazer, pessoas sem TDAH conseguem se obrigar a focar na tarefa em questão. Pessoas com TDAH não têm essa capacidade, a menos que saibam que as consequências por não prestar atenção serão imediatas e severas. (Brown 2006, p. 4)

Indivíduos com TDAH podem enfrentar dificuldades em entender e seguir regras, completar e organizar tarefas, lembrar de detalhes importantes, e, para grande frustração dos pais e professores, é extremamente difícil que eles prestem atenção a qualquer coisa que não os interesse. Tais sintomas tendem a prejudicar de maneira grave o rendimento escolar e são muitas vezes atribuídos a um mau comportamento deliberado do aluno. Estudos mostram que alunos com TDAH estão em maior risco de terem notas baixas, reprovações, suspensões e expulsões, e, conseqüentemente, estão mais propensos a abandonarem a escola ou a faculdade.

Brown (2001) descreve funções específicas que interferem no aprendizado de alunos com TDAH. São elas: ativação, foco, esforço, emoção, memória e ação. Pacientes com TDAH têm dificuldades em organizar, priorizar e dar início a uma dada atividade,

frequentemente adiando começar uma tarefa. Da mesma forma, para eles focar, manter e alternar a atenção entre tarefas é muito difícil, e na leitura palavras precisam ser lidas novamente para que o significado seja captado e memorizado. Para muitos pacientes, regular o estado de alerta e manter esforço e velocidade de pensamento é muito custoso, com dificuldades em regular o estado de alerta, o tempo em que determinado esforço pode ser mantido e velocidade de processamento. Regular emoções e gerenciar frustração, para os pacientes, é muito difícil, tornando-se complicado para os pacientes colocar a emoção em perspectiva, deixá-la de lado e continuar com o que precisam fazer. Frequentemente, pessoas com TDAH relatam que têm adequada ou excepcional memória para coisas que aconteceram há muito tempo, mas grande dificuldade em lembrar onde acabaram de colocar algo, o que alguém acabou de dizer a eles ou o que eles estavam prestes a dizer. Além disso, pessoas com TDAH frequentemente reclamam que não conseguem acessar informação que aprenderam na hora em que precisam. Finalmente, muitas pessoas com TDAH, mesmo aquelas sem problemas de comportamento hiperativo, relatam problemas crônicos em regular suas ações. Eles frequentemente são impulsivos demais no que dizem ou fazem e no modo como pensam, pulando rapidamente para conclusões imprecisas.

Em *The Lightning Thief*, Riordan utiliza funções específicas de portadores de TDAH e dislexia na composição de sua obra literária, transformando em elementos ficcionais, especialmente na composição dos personagens, características próprias dos pacientes.

2. Dislexia, TDAH e *The Lightning Thief*

O primeiro capítulo de *The Lightning Thief* é iniciado com uma advertência do personagem que pouco depois se identifica como Percy Jackson. Ele afirma que não queria ser um meio-sangue, pois é algo perigoso e assustador, e avisa ao leitor que continue lendo se for uma criança normal e achar que é pura ficção – mas que pare imediatamente se começar a se reconhecer nas páginas do livro, porque “Você pode ser um de nós. E assim que você sabe disso, é só uma questão de tempo até *eles* sentirem isso também, e eles virão atrás de você. Não diga que eu não avisei” (Riordan 2005, p. 1).

Embora não fique claro até então o que seria um “meio-sangue” ou quem seriam “eles”, o aviso funciona como a primeira tentativa de gerar um laço de identificação do leitor com o personagem, e assim como o título do capítulo, “Eu acidentalmente vaporizo minha professora de matemática”, visa deixar o leitor curioso e instigado a continuar lendo. Pode-se argumentar que todo romance, evidentemente, tem a intenção de cativar o leitor, mas é válido lembrar que tal fator assume uma importância especial quando disléxicos e/ou portadores de TDAH são considerados como público leitor. Em tais casos, captar o interesse do leitor desde a primeira página é essencial, visto que portadores de TDAH tendem a apresentar sérias dificuldades de focar em coisas que não sejam imediatamente interessantes para eles (Brown 2002). O TDAH torna mais comprometido o processamento de leitura em pacientes disléxicos e faz com que a leitura demande um considerável nível de atenção para selecionar as informações relevantes e ignorar estímulos alheios. Tal nível de atenção pode ser mantido com dificuldades visivelmente menores em relação a ambos os transtornos se estabelecido um genuíno e intenso interesse no que está sendo lido.

Em seguida, Percy se apresenta ao leitor, informando seu nome, seus 12 anos de idade e que, até alguns meses atrás, era um estudante da *Yancy Academy*, uma escola particular, com regime de internato, para crianças problemáticas em Nova Iorque. “Eu sou uma criança problemática?” pergunta ele antes de dar a resposta.

Sim. Dá pra dizer que sim. Eu poderia começar em qualquer ponto da minha curta e miserável vida para provar isso, mas as coisas realmente começaram a ir mal em maio, quando nossa turma de sexta série foi numa excursão a Manhattan – vinte e oito crianças com problema mental e dois professores num ônibus amarelo, em direção ao Museu Metropolitano de Arte para olhar coisas gregas e romanas antigas. (Riordan 2005, p. 2).

Como se pode perceber pelo modo como Percy descreve a si mesmo e sua turma (*troubled e mental case kids* no original), o garoto possui claros problemas com sua auto-imagem e, ao longo dos capítulos iniciais, o leitor é informado dos motivos que o levam a isso: a *Yancy Academy* é a sexta escola da qual ele é expulso em seis anos, suas notas são invariavelmente baixas, seu temperamento impulsivo faz com que ele se meta em brigas e confusões constantemente e seus professores parecem não entender as limitações que o

TDAH e a dislexia impõem a ele. Além dos problemas na escola em si, Percy não entende por que a mãe, Sally Jackson, que parece amá-lo tanto, insiste em mandá-lo para internatos ao invés de mantê-lo numa escola perto dela, nem por que ela continua casada com Gabe, o repulsivo padrasto que a explora e o trata como um delinquente. Toda uma série de problemas que fazem com que os jovens leitores, portadores ou não de TDAH e/ou dislexia, simpatizem e, não raro, identifiquem-se com Percy Jackson. Pais e professores, por outro lado, têm nesse laço uma oportunidade de vislumbrar como as situações vividas por Percy são encaradas sob o ponto de vista dos que, na prática, passam por elas: filhos e alunos.

Gradualmente, são dados ao longo do livro alguns exemplos de como o TDAH e a dislexia atrapalham o desempenho acadêmico de Percy: como quando ele está tentando prestar atenção às explicações do Sr. Brunner, mas todos ao redor não param de conversar; e quando suas tentativas de estudar para a prova de Latim são inúteis porque as palavras insistem em flutuar para fora da página, tornando praticamente impossível diferenciar *Chiron* e *Charon*, ou *Polydictes* e *Polydeuces* (Riordan, 2005). É interessante observar que, apesar de mencionar as dificuldades que enfrenta devido aos sintomas, Percy parece não necessariamente atribuir seu baixo rendimento escolar ao TDAH ou à dislexia em si, mas sim olhá-los como dois motivos complementares, como se, além dos dois transtornos, seu histórico deixasse claro que ele não é inteligente o bastante para tirar boas notas. Como é comum na falta de uma assistência e tratamento apropriados, Percy está tão acostumado à ideia de ser um fracasso em termos acadêmicos que atribui a si mesmo a culpa por seu baixo desempenho e não acredita que este apresente quaisquer possibilidades de melhora – como se pode perceber quando o garoto descreve o quanto as altas expectativas de Brunner em relação a ele o incomodam.

Tal impressão se faz novamente presente numa conversa de Percy com sua mãe, na qual ela diz que o pai teria orgulho dele se o visse. Visto que, segundo Sally, ele foi dado como desaparecido no mar antes mesmo dele nascer, Percy ressentido a figura do pai que nunca esteve presente e não entende o que poderia haver de motivos para orgulho em um garoto hiperativo, disléxico, cheio de notas baixas e que conseguiu ser expulso pela sexta vez em seis anos (Riordan 2005). Quando pergunta a ela se seria mandado para outro internato, Sally explica que tem de mandá-lo para longe para o bem dele e o argumento lembra Percy de uma

conversa que teve com o Sr. Brunner, na qual o professor tentara convencê-lo de que deixar Yancy era o melhor para ele.

“Esse não é o lugar certo para você. Era só uma questão de tempo”
Meus olhos arderam. Aqui estava meu professor favorito, na frente da turma, me dizendo que era mais do que eu conseguia lidar. Depois de dizer que acreditava em mim durante o ano inteiro, ele agora estava me dizendo que eu estava destinado a ser expulso.
“Certo”, eu disse, tremendo.
“Não, não” disse o Sr. Brunner. “(...) O que estou tentando dizer... você não é normal, Percy. Isso não é nada pra se –”
“Obrigado”, soltei. “Muito obrigado, senhor, por me lembrar disso.”
(Riordan 2005, p. 16-17)

Fica claro, no decorrer da história, que Sally e o Sr. Brunner se referiam aos perigos que Percy corria por ser um semideus e, portanto, alvo em potencial de ataques de monstros. Era necessário mudá-lo de escola sempre que se percebesse que alguém o tinha rastreado. Desprovido até então dessa informação, Percy só consegue pensar que seu professor favorito e sua própria mãe parecem não querê-lo por perto, pois a imagem negativa que tem de si mesmo o impede de aceitar o argumento de que não ser normal possa ser algo bom. A atitude reflete a necessidade natural que crianças e adolescentes têm de se sentirem aceitos e parte de um grupo, assim como o incômodo inevitável quando algo leva à sensação de exclusão. Ao mostrar o ponto de vista de Percy em relação a tais questões, Riordan fortalece a conexão que tenta estabelecer com o leitor desde o começo do livro e que é fundamental para que a fase seguinte da jornada de Percy, a descoberta de sua identidade, tenha o efeito necessário.

Durante a excursão narrada no início do livro, Percy é atacado pela Sra. Dodds, sua professora de matemática que, aparentemente, seria um monstro alado disfarçado, e sobrevive ao ataque graças à misteriosa ajuda do Sr. Brunner que lhe atira uma caneta, a qual se transforma em espada nas mãos do garoto. O monstro, que somente depois descobrimos ser uma Fúria, é transformado em uma espécie de pó dourado ao ser cortado pela espada e Percy logo descobre que suas dúvidas em relação ao ocorrido não serão facilmente solucionadas, já que todos, inclusive o Sr. Brunner, parecem agir como se nada tivesse acontecido. Todos na escola parecem genuinamente convencidos de que a Sra. Kerr era a professora de matemática desde o Natal, embora Percy tenha certeza de que nunca a vira até ela entrar no ônibus da

escola ao fim da excursão. Apenas Grover, o melhor amigo de Percy, reage com hesitação ao negar a existência da Sra. Dodds, e não poder confiar nem mesmo nele só piora a situação.

Eu comecei a me sentir mal-humorado e irritado a maior parte do tempo. Minhas notas desceram de Ds para Fs. Eu me meti em mais brigas com Nancy Bobofit e as amigas dela. Fui enviado para o corredor em quase toda aula. (Riordan 2005, p. 17)

É importante observar que a piora no rendimento acadêmico, assim como sua postura mais agressiva, deve-se não apenas ao incômodo de Percy em relação à suposta não-existência da Sra. Dodds, mas também aos problemas com o TDAH e a dislexia, como fica evidente quando Percy xinga o professor que pergunta pela milionésima vez porque ele era preguiçoso demais para estudar para os testes de soletração. É então revelado ao leitor que o confronto de Percy com seu professor de inglês, Sr. Nicoll, é o que finalmente causa sua expulsão de *Yancy*. Cabe destacar que problemas de socialização e controle de temperamento são resultados relativamente comuns de como o TDAH e a dislexia podem dificultar o modo como o indivíduo se ajusta ao convívio com outros. Pelham e Bender (1982, *apud* Barkley (2008, p. 210) estimaram que “mais de 50% das crianças portadoras de TDAH têm problemas significativos nos relacionamentos sociais com outras crianças”.

O modo como se dá a expulsão, sem qualquer menção ao professor sendo repreendido ou sequer questionado pela maneira como tratava Percy, deixa claro que, embora o garoto apresente alguns traços de comportamento difíceis, a falta de compreensão em relação às suas dificuldades desempenha também um grande papel em problemas pelos quais ele é erroneamente considerado o único culpado. É apenas depois da expulsão que Percy e o leitor descobrem que, na verdade, muitos dos problemas de Percy se devem a sua condição de semideus e que ele é considerado culpado por muito mais do que ele imagina.

Quando o Minotauro, um monstro grego com corpo de homem e cabeça de touro, ataca Percy e sua mãe, Grover, que, por sua vez se revela um sátiro (metade-homem, metade-bode) tenta protegê-los sem sucesso. Sally desaparece numa chuva de ouro após ser capturada pelo Minotauro, Percy o derrota e ele, enfim, chega ao Acampamento Meio Sangue.

Compreensivelmente, Percy tem dificuldade em acreditar em Quíron, a real identidade do Sr. Brunner, quando o centauro lhe diz que as forças que ele conhece como

deuses gregos, de fato, existem. Não eram eles apenas mitos para explicar coisas como raios e as estações antes que houvesse a ciência?

“Se você fosse um deus, o quanto gostaria de ser chamado de um mito? De uma velha história para explicar raios? E se eu te dissesse, Percy Jackson, que algum dia as pessoas chamariam *você* de mito, criado apenas para explicar como garotos pequenos podem superar a perda de suas mães? (Riordan, 2005, p. 52; ênfase presente no original)

Abordada a questão da dicotomia entre existência e mito, pode-se interpretar que Riordan traça neste trecho um paralelo entre o TDAH e os deuses gregos. Embora o TDAH tenha sido um dos transtornos psiquiátricos infantis mais estudados das últimas décadas, a natureza subjetiva do diagnóstico, assim como dos próprios sintomas, faz com que ainda haja, fora do âmbito médico, certa descrença de que a patologia realmente exista, somada à ideia de que se trata, na verdade, de má vontade, preguiça ou falta de dedicação por parte de quem afirma sofrer do problema. Ao mesmo tempo, ocorre um movimento contrário composto por um preocupante excesso de indivíduos sendo diagnosticados como portadores de TDAH, devido à popularização de dados sobre o transtorno. Graeff e Vaz (2008), a esse respeito, chamam a atenção para o fato de que a falta de informação apropriada leva muitas pessoas a serem erroneamente diagnosticadas enquanto outras acabam passando despercebidas.

Quíron também explica a Percy sobre a “Névoa” (*Mist* no original), outro elemento usado por Riordan para expressar a questão entre o que é ou não visto como real.

“Toda vez que elementos divinos ou monstruosos se misturam ao mundo mortal, eles geram Névoa, que obscurece a visão dos humanos. Você verá as coisas como elas são, por ser um meio-sangue, mas humanos interpretarão as coisas de um jeito bastante diferente. **Realmente notável até que ponto os humanos podem ir para encaixar as coisas na versão que eles têm da realidade**” (Riordan, 2005, p. 17; ênfase adicionada).

Ao longo do livro, é descrito em diferentes momentos o modo como os mortais assimilam o que vêm acontecer com Percy. Ao assistirem a luta dele com Ares, deus grego da guerra, por exemplo, as pessoas na praia vêem uma arma de fogo nas mãos do garoto ao

invés da espada. Pode-se interpretar a colocação de Quíron como um paralelo à falta de informações corretas a respeito de transtornos como o TDAH e a dislexia: os excessivos diagnósticos muitas vezes se dão por uma preocupante tendência a se simplificar problemas e querer uma solução imediata para eles, ou seja, pais e professores que muitas vezes esperam que a criança ou adolescente seja medicado e “pare de dar problemas”, totalmente alheios ao perigo em se diagnosticar e medicar alguém erroneamente. Já os que deveriam ser diagnosticados e passam despercebidos geralmente são vítimas da falta de informação que impede os responsáveis em questão de interpretarem corretamente os sintomas. No caso do confronto de Percy com o Sr. Nicoll, por exemplo, a postura do professor demonstra claro descaso, despreparo ou ignorância em relação às limitações que Percy apresenta na hora de soletrar devido a sua dislexia.

Tal questão é relevante para o enredo por se tratar de uma parte essencial do processo no qual Percy vai aos poucos redescobrando sua identidade. É importante que ele entenda e aceite quem ele de fato é – algo de extrema importância tanto em relação à dislexia quanto ao TDAH, considerada a tendência de ambos os transtornos a prejudicar a auto-imagem do portador, assim como o modo como ele é visto pelos outros ao seu redor. Acreditar na existência dos deuses gregos é o primeiro passo para que Percy possa aceitar que ele é filho de um deles. É curioso observar, inclusive, que tanto o TDAH quanto a dislexia são considerados transtornos cuja origem tem fortes componentes genéticos – o que favorece a interpretação de que Riordan usa a condição de semideus como metáfora para dar voz e vez aos portadores das patologias, uma vez que as habilidades e características de cada semideus vêm de um pai ou mãe do herói ou heroína em questão.

Enquanto Percy ainda está aceitando a ideia de que os deuses existem, é Annabeth Chase quem explica a ele que dois de seus maiores problemas são, na verdade, consequências naturais da condição de semideuses. Ou seja, como a dislexia vem do fato de seu cérebro estar programado para grego antigo, e a impulsividade e inquietação do TDAH são seus aguçados reflexos de campo de batalha. Ela descreve como é normal para os semideuses passarem por várias escolas e serem expulsos de muitas delas, já que há sempre monstros no encalço deles – assim como há sempre certas dificuldades a serem enfrentadas quando se tem TDAH e/ou dislexia, ou qualquer outro motivo que impeça a criança ou adolescente de se sentir fazendo

parte do grupo. Ao fazer com que Percy vá aos poucos se sentindo menos sozinho, Riordan ajuda o leitor a, de certa forma, passar também por um processo semelhante: o de passar a considerar que uma suposta falha pode se revelar um talento, assim como de lembrá-lo de que outras pessoas também estão passando por momentos assim.

No Acampamento Meio-Sangue, Percy tem a oportunidade de conhecer outros semideuses e entende aos poucos que as habilidades de cada um têm muito a ver com o deus ou deusa de quem se é filho – o que, a princípio, deixa-o bastante frustrado, já que ele não parece possuir nenhum talento em especial. Aos poucos Percy vai percebendo que seus poderes estão relacionados à água e que estar em contato com ela pode curar suas feridas ou aumentar suas habilidades de batalha. É revelado o porquê disso quando Poseidon, o deus grego dos mares, faz aparecer um tridente, seu símbolo, sobre a cabeça de Percy, reconhecendo-o como seu filho. Apenas então é explicado a Percy que Poseidon está sendo acusado de ter usado Percy para roubar “o raio mestre” de Zeus e que haverá guerra se este não for devolvido até o solstício de verão, o que lhes dá um prazo de dez dias para descobrir quem de fato roubou o artefato e recuperá-lo. Quíron acredita que o culpado é Hades, Senhor do Submundo, e que Percy tem de confrontá-lo e devolver o raio ao Olimpo, o lar dos deuses, antes que a guerra seja declarada.

Confiante de que poderá encontrar uma forma de resgatar sua mãe do mundo dos mortos, Percy parte com Annabeth e Grover rumo ao Submundo e enfrenta vários monstros mitológicos junto com eles ao longo do caminho. É importante considerar, em relação a isso, que em seu site oficial Riordan descreve os monstros que aparecem no livro como manifestações externas dos conflitos internos de Percy. A Medusa, por exemplo, representaria a antiga rixa entre os deuses Poseidon e Athena, o pai de Percy e a mãe de Annabeth, e simbolizaria a necessidade dos dois superarem suas diferenças e aprenderem a trabalhar juntos.

Ao longo do livro, fica claro que Annabeth enfrenta um processo de descoberta da própria identidade, assim como o de Percy, e que ambos se ajudam nisso. É revelado que Annabeth fugiu de casa muito cedo porque sua família acreditava que seria perigoso tê-la por perto, devido aos monstros que apareciam atrás dela. Pode-se ver nisso um paralelo à situação de Percy, sempre mantido em colégios internos, longe de casa – ambos os casos devido ao

perigo de monstros. Considerada a afirmação de Riordan de que os monstros representariam os conflitos internos dos personagens, pode-se interpretar que a família de Annabeth lidava mal com os problemas trazidos pelo TDAH e pela dislexia, especialmente por compará-la com os filhos do pai dela com outra mulher, que seriam “normais”, enquanto Percy, por sua vez, possui o amor incondicional da mãe, mas é maltratado pelo padrasto, Gabe.

Um dos aspectos interessantes na dinâmica entre os dois personagens é o fato de Annabeth ser retratada como uma leitora ávida, o que faz com que Percy por vezes esqueça que ela é disléxica, e também como aspirante a arquiteta, o que ele acha engraçado por ser difícil imaginá-la quieta e desenhando o dia todo. Essa quebra nas expectativas de Percy em relação a Annabeth permite a interpretação de um paralelo entre as diferentes habilidades dos semideuses e a variabilidade situacional dos sintomas do TDAH.

Segundo Brown (2001), os sintomas do TDAH podem se manifestar de formas diferentes em pessoas diferentes ou até mesmo no mesmo indivíduo sob diferentes circunstâncias. Todos com o transtorno parecem ter alguns domínios de atividade específicos nos quais não sofrem as limitações que se apresentam em outros aspectos de suas vidas. Os relatos dos pacientes de Brown indicam que o bom funcionamento das funções executivas parece estar intrinsecamente ligado ao quanto algo capta o interesse do indivíduo em questão. Tal raciocínio explicaria que embora Annabeth apresente os excelentes reflexos e habilidades em combate descritos como consequência da inquietação e excessiva distração do TDAH, ela também é perfeitamente capaz de ler e desenhar por horas à fio, devido ao fato de ser algo que genuinamente a interessa. De modo similar, as habilidades de luta de Percy parecem se manifestar plenamente apenas quando ele está, de alguma forma, em contato com água.

Conclusão

Ao final de sua jornada, Percy consegue evitar a guerra entre os deuses ao retornar o raio mestre a Zeus e enfim conversa com o pai pela primeira vez. O garoto tenta explicar que, na verdade foi Kronos quem roubou o raio e não Hades, mas Poseidon responde que Zeus não quer que o assunto seja discutido, e Percy, visivelmente contrariado, cede ao pedido do pai. Na conversa que se segue, o deus assume que deve ter alguma culpa pela dificuldade que

Percy tem em ser obediente, “O mar não gosta de ser contido” (Riordan, 2005), e revela que lamenta o nascimento do filho, pois trouxe a ele um destino de herói, e um destino de herói é sempre trágico - mas destaca que ele se mostrou um verdadeiro filho do Deus do Mar. O diálogo marca o ponto em que Percy resolve seu conflito interno em relação ao pai e a si mesmo. Embora lamente pelas dificuldades que o garoto, de certa forma, herdou dele, Poseidon sente orgulho do filho e entender isso é fundamental para que Percy possa aceitar inteiramente sua nova identidade. Se antes ele não entendia porque Sally dizia que seu pai se orgulharia dele, agora Percy acredita que o pai realmente tenha motivos para tanto.

Assim como Annabeth entra num acordo com a família e decide tentar morar com eles novamente, Percy opta por morar com a mãe, que, por sua vez, livrou-se de Gabe, e visitar o Acampamento Meio-Sangue no verão, ao invés de permanecer o ano inteiro. Ao mostrar Percy e Annabeth enfim superando os sentimentos que os levavam a se sentirem deslocados e excluídos e optando por continuar a viver no mundo fora do acampamento, embora voltem para ele quando necessário, Riordan mostra que eles podem perfeitamente conviver entre os mortais sem renegarem sua condição de semideuses. Em outras palavras, crianças e adolescentes com transtornos como o TDAH e a dislexia não devem se sentir postos num mundo à parte – mesmo que os monstros existam, é perfeitamente possível enfrentá-los quando não se está sozinho. Cabe aos pais e professores se esforçarem para, dentro do que for possível, tornar tal afirmação uma realidade.

Referências

BARKLEY, R. A., Murphy, K. R., & Fischer, M. *ADHD in adults: What the Science Says*. New York: Guilford, 2008.

BROWN, T. E. *Brown attention deficit disorder scales for children and adolescents*. 2ed. San Antonio: The Psychological Corporation, 2001.

BROWN, T. E. *Inside the ADD Mind*. [S.I.]: Articles on ADD/ADHD, 2006. Disponível em: <<http://www.drthomasebrown.com/pdfs/additude.pdf>> Acesso em 17 set. 2012.

GRAEFF, Rodrigo Linck; VAZ, Cícero E. Avaliação e diagnóstico do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). *Psicologia USP*, São Paulo, v. 19, n. 3, Sept. 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000300005&lng=en&nrm=iso>. acesso em 10 out. 2012.

International Dyslexia Association. *Frequently Asked Questions*. Disponível em: <<http://www.interdys.org/FAQ.htm>> Acesso em 10 out. 2012.

RIORDAN, Rick. *Percy Jackson and the lightning thief*. New York: Disney-Hyperion Books, 2005.

RIORDAN, Rick. *Rationale*. [S.I.]: site oficial do autor. Disponível em: <<http://www.rickriordan.com/my-books/percy-jackson/resources/rationale.aspx>> Acesso em 10 de out. 2012

VASCONCELOS, D. M. G; MONTEIRO, A. M. L. *Dificuldade de Aprendizagem - TDAH (Transtorno de déficit de atenção/Hiperatividade): Um olhar pedagógico*. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* 56, supl. 1; p. 14-18, 2007.